



A COLUNA PRESTES: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA

Rafael Policeno de Souza¹

Resumo

Este artigo propõe uma abordagem geral sobre a Coluna Prestes, buscando, num primeiro momento, caracterizar a conjuntura histórica da República Velha em que a mesma surgiu, arriscando-se a uma breve discussão historiográfica acerca da Coluna Prestes. Posteriormente apresentam-se questões sobre o impacto deste processo nos eventos que se cristalizam imediatamente após o seu fim, bem como um esboço de problematização sobre o relacionamento da Coluna Prestes com as populações rurais e urbanas de nosso país.

Palavras-chave: República Velha. Historiografia. Coluna Prestes.

Introdução

Dentre os muitos temas, de considerável importância, que compõem um vasto quadro de opções para dissertar-se, mesmo que brevemente, em forma de artigo, sobre o recorte proposto: *sociedade e política na República Velha*²; salta-nos de imediato, o processo histórico em que se insere a Coluna Prestes. Expressão final e mais importante do denominado “Tenentismo³”, movimento que desempenhou relevante papel nas primeiras décadas do séc. XX, mais precisamente a partir dos anos 20 do referido século. A Coluna Prestes apresenta uma síntese da transição que o período denominado como República Velha enfrentou.

Este texto tem a pretensão de problematizar e refletir de modo geral, a Coluna Prestes, buscando contribuir com construção do conhecimento histórico acerca do tema, e inerente a tal, inevitavelmente, em relação ao processo histórico do Brasil das primeiras décadas do século XX. Refletir sobre o período em que se formatou e se levou a cabo a marcha de alguns milhares de brasileiros, que se constituíam em sua maioria de militares da baixa oficialidade, mas que também tinham em suas fileiras, civis voluntários que se forjaram na luta e desempenharam papel decisivo no desenrolar dos acontecimentos, bem como na própria “documentação” da mesma, uma vez que através do secretário da Coluna,

¹ Acadêmico do curso de História da FAPA, em artigo produzido para a disciplina de História do Brasil III, ministrada pelo professor Ricardo Arthur Fitz. Junho de 2010. Email do autor: policeno_rafael@yahoo.com.br

² Este foi o enfoque proposto pelo professor que ministra a disciplina de História do Brasil III, Sr. Ricardo Arthur Fitz e registrado no cronograma da mesma.

³ Movimento político-militar liderado pela baixa oficialidade.

o cronista da epopeia, Lourenço Moreira Lima, pode-se ter, de forma muito particular, o “calor” dos combates e os momentos de extrema dificuldade e perseverança pelo qual passaram os combatentes.

Além disso, cabe ressaltar que tal tema merece uma melhor atenção, pelo referido vulto que o mesmo representa, uma vez que o assunto aparece como uma *simples referência* da radicalização da baixa oficialidade, como representação de uma emergente pequena-burguesia, ou se preferirem, das chamadas classes médias urbanas. Esta abordagem realmente caracteriza, grosso modo, uma explicação. Entretanto é preciso avançar e buscar um entendimento mais amplo: como considerar uma marcha de 25.000 a 30.000 km (para não entrar nas polêmicas em relação à exatidão dos números, alguns registros apontam 33.000) que percorre regiões inóspitas de nosso país durante mais de dois anos? Quais os impactos de tal marcha nas populações com a qual a Coluna se deparou? E, em contrapartida, quais impactos causaram aos revolucionários, a “descoberta” dos vários “brasis” que encontraram? Ainda mais, de que forma a Coluna Prestes influenciou ou contribuiu para as mudanças processadas no regime político de então, bem como, nos futuros desdobramentos da história nacional?

Trata-se, pois, ainda, de apontarmos para a necessária caracterização e problematização da “construção” de um dos mais importantes quadros da esquerda brasileira. Luiz Carlos Prestes desempenhou papel ativo de “verdadeiro” sujeito histórico, imprescindível para podermos entender a formação da esquerda brasileira, bem como a interpretar o jogo político nacional, além da necessária referência a sua incansável militância contra a ascensão do nazi-fascismo no Brasil através da ANL nos anos 30.

Conjuntura histórica na República Velha⁴

A República no Brasil das primeiras décadas do séc. XX consistia em uma farsa. Uma farsa no que se refere ao ideário de republicanos convictos do período, e ao conceito que a própria palavra República se assenta. Tal constatação era apontada com tamanha indignação, pelos contemporâneos do período que possuíam certa capacidade de interpretação da realidade, dado o grau de atuação corrupta das oligarquias e as fraudes eleitorais do período. Seria ingênuo, tratar aqui do debate ideológico travado pelas oligarquias e as emergentes classes urbanas do período, tendo em vista que segundo os próprios protagonistas, representantes das classes urbanas, os mesmos não possuíam a clareza e a necessária compreensão, de que o problema se apresentava bem mais amplo e complexo, do que a “simples” característica política de coalizão oligárquica entre São Paulo e Minas Gerais, graciosamente denominada de política café-com-leite.

⁴ A denominação República Velha consagrada na historiografia até hoje, expressa uma visão pejorativa que reproduzimos em relação aos nossos primeiros anos republicanos.

A estabilidade da República Velha por alguns períodos se alicerçava na base econômica, de uma grande produção e exploração de monoculturas, notadamente o café, mas também o cacau e a borracha, esta última ligada ao fornecimento de matéria prima industrial. No plano político, a necessidade de contemplar de alguma forma as forças regionais, se arranjou com a chamada “política dos governadores”⁵ e conseguindo, assim, certa tranquilidade. Isto tudo, embora seja evidente a fragilidade, e a constante tensão que tal formatação imprecisa de nosso organismo político apresentava.

No entanto, no plano internacional, com o advento da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a pressão sobre o regime republicano oligárquico se acentuou de maneira importante. Cabe explicar o quadro. Extremamente dependente da conjuntura econômica internacional, a nossa economia estava sujeita as oscilações que a mesma apresentasse. Ora, a crise deflagrada pela belicosidade dos países capitalistas europeus do período, irá de imediato, alterar o comércio exterior, com a reorientação dos parques industriais destes países para indústria de guerra. Recorremos a Caio Prado Junior, (no prefácio do livro *A Coluna Prestes: marchas e combates*, de Lourenço Moreira Lima). Caracterizando o período em questão:

A crise da Grande Guerra desferirá naquela estrutura artificial um duro golpe. Ela não resistirá á desorganização do comércio exterior que sobreveio em consequência do conflito: ao desequilíbrio das finanças públicas pela redução dos ingressos alfandegários. Reiniciam-se para não cessarem mais tão cedo, as emissões vultosas de papel moeda inconversível, com todos os seus efeitos nefastos: a desvalorização monetária, o encarecimento da vida. Ao mesmo tempo, complica-se novamente o problema da produção cafeeira, o grande setor da nossa economia, que mal saíra da crise de poucos anos atrás (sic). E ao lado disto, o Brasil assistia impotente ao aniquilamento de um outro elemento essencial da sua economia: a produção de borracha. (JUNIOR, 1979 apud LIMA, 1979 p. 12 – 13).

Todavia, este processo também concorreu para mudanças, por assim dizer, “positivas” para a economia brasileira. Tendo um cenário comercial internacional que não podia atender, - por conta da guerra, as importações brasileiras. Logo, ocorreu um significativo fomento do mercado interno, no que se refere, sobretudo, aos produtos manufaturados. De fato, o Brasil desenvolveu de forma significativa, novas fontes produtivas. Claro está que tal impulso trouxe a cena novos atores sociais, que passaram a se postular enquanto cidadãos que pretendiam participar da sociedade como um todo.

Os trabalhadores urbanos passaram a esboçar a formatação de uma consciência de classe, que tinha no imigrante o grande articulador. Contudo, ainda não apresenta as condições de um pensamento maduro, a fim de avançar e agir sobre as estruturas vigentes de forma considerável, a ponto de recriá-las pela própria ação. Em realidade, tratou-se de

⁵ Grosso modo, refere-se a certa autonomia que o governo central concedia a política nos estados, que em contrapartida referendavam o poder federal. Coronelismo e clientelismo que influênciam nossa política até hoje.

um início de movimento operário, altamente influenciado pelo anarquismo. Neste sentido, ocorreram momentos importantes, como as greves de 1917 e 1919, mas que, como elemento político mais radical de contestação da ordem não conseguiu avançar. Como não poderia deixar de ser, deste mesmo processo, surgiram outras camadas importantes deste período: as classes médias urbanas, identificadas com um pensamento republicano mais progressista.

Foram os militares, notadamente os da baixa oficialidade que colocaram na ordem do dia os protestos mais veementes contra o regime representado pela República Velha. Vale lembrar, porém, que embora tais protestos assumissem em sua maioria, um caráter radical, este em realidade, se concretizava apenas na expressão do enfrentamento armado. Isto é, suas demandas em *quase nada*, propunham reformas estruturais. Em geral se resumiam em uma ingênua tentativa de “qualificar” e moralizar o sistema vigente, com medidas que visavam atenuar as descaradas fraudes eleitorais tendo no voto secreto uma das suas principais bandeiras. O movimento Tenentista foi, sem dúvida, o principal e mais eficiente contestador da ordem imposta pelos oligarcas da República Velha.

O historiador e militar Nelson Werneck Sodré ressalta o caráter geral do Tenentismo:

...O que se pode afirmar do Tenentismo, em suas etapas iniciais – até 1926, vamos dizer -, é que se mantém, predominantemente, no âmbito de um reformismo pequeno-burguês, que divaga em formulações ou que se repete, mas não se renova. (SODRÉ, 1978, p. 28).

Sodré ressalta o caráter pequeno-burguês do movimento, embora na obra aqui citada, o mesmo apresente uma explicação bem mais complexa do movimento, que se adéqua a uma caracterização mais próxima daquilo que tal representou. Por conseguinte, deve-se com toda clareza, como bem colocou o referido historiador, não disfarçar o caráter pequeno-burguês do movimento, mesmo que talvez os próprios não percebessem tal expressão. E não se acredita que seja contraditório, numa conjuntura como da República Velha, atribuir a tal movimento um fator político revolucionário, dado a especificidade de nossa História, que não apresentara neste momento, outros atores históricos, - como o ocorrido em outros países -, que levassem a cabo um enfrentamento com o regime de então.

Caio Prado Junior, no prefácio da já citada obra de Lourenço Moreira Lima, se referindo à classe operária daquele período, e sintetizando o rol das possibilidades “viáveis” de enfrentamento com República Velha, parece encaminhar a melhor solução para compreensão de tal conjuntura:

Não será este, contudo, o principal fator político revolucionário do momento. Classe muito jovem ainda, imatura, e sem organização e perspectivas políticas suficientes, o proletariado brasileiro constituirá apenas, por enquanto, o fundo do quadro da Revolução. O impulso mais sério, e que abalará toda a estrutura do país, partirá de outros setores. Destaca-se neles o papel de militares de patente inferior: tenente, capitão, raramente outras. Serão de sua iniciativa os inúmeros pronunciamentos e levantes que se

sucedem desde 1922, e em que se destacam, como vigas mestres do grande movimento revolucionário brasileiro destes anos, a revolta do Forte de Copacabana (1922), a revolução paulista 1924, a marcha da Coluna Prestes, e finalmente, a Revolução de 1930. (JUNIOR, 1979 apud LIMA, 1979, p. 13 – 14).

Breve reflexão historiográfica a cerca do tema: a Coluna Prestes

Exposto de maneira geral, o contexto em que se insere a Coluna Prestes, mais precisamente, o processo histórico representado pelas políticas oligárquicas, em especial, das elites paulistas e mineiras, muito embora, ao final deste período, já se percebesse certa cisão entre as mesmas. Passemos agora, a uma pequena exposição crítica, de algumas das principais obras que tratam do assunto que aqui nos interessa.

Selecionou-se, evidentemente, dentre as principais obras que tratam do tema, quatro entre aquelas que apresentam maior significado para o enfoque que pretendemos, além de se tratarem de obras com abordagem distintas, e no caso de uma delas, totalmente discordante em relação às demais. Tratam-se, então, da obra do cronista da epopeia, Lourenço Moreira Lima⁶, a do militar e historiador marxista Nelson Werneck Sodré⁷, a do professor José Augusto Drummond⁸, e por último, da obra de Anita Leocádia Prestes⁹, historiadora e filha do maior líder da coluna.

Em seu livro, *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*, Lourenço Moreira Lima, narra à epopeia que ele mesmo participara, a qual se dedicou como secretário e cronista, muito embora, pelo que parece, nutria uma maior paixão pelos combates, dos quais participava com visível aptidão à luta. Lourenço Moreira Lima escreve com estilo característico, na expressão de Caio Prado Junior: “numa linguagem singela de diário, um dos episódios máximos da história brasileira.” (JUNIOR, 1979 apud LIMA, 1979, p. 11). Mais do que isso, trata-se de uma obra literária de valor inestimável, tem um lirismo aberto e radical, além de apresentar um relato detalhado do evento. Claro, é um livro saudosista, publicado no calor da hora, anos após a saída de cena da Coluna. Desnecessário se faz aqui evocar os ditames da ciência histórica para sabermos os limites e cuidados que se deve ter com a obra em uma análise de processo; porém não se deve, de modo algum, desqualificá-la. Somam-se ainda, à edição que tivemos acesso, os prefácios de dois grandes intelectuais brasileiros: Jorge Amado e Caio Prado Junior, além de fotos e documentos.

Militar e historiador marxista, Nelson Werneck Sodré, apresenta o bem escrito texto, *A Coluna Prestes: análise e depoimentos*, este livro é a grande referência deste trabalho, no que se refere à análise do processo como um todo, e que nos encorajou a escrever o

⁶ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes Marchas e Combates*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes: Análise e Depoimentos*. São Paulo: círculo do livro, 1978.

⁸ DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁹ PRESTES, Anita L. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

presente artigo. Sodré apresenta uma análise da situação mundial e nacional, avançando na análise da república oligárquica, a emergência do capitalismo até o inrrompimento do tenentismo. Traz uma contribuição para além de uma boa análise marxista, aponta os relativos avanços que a referência da luta da Coluna incute na sociedade em geral, pois ao manter a “chama revolucionária” foi possível avançar para outras mudanças importantes. Por tratar-se de um militar não se pode minimizar sua propriedade e tomada de partido sobre o assunto.

Para a ótima série tudo é história, da editora brasileira, José Augusto Drummond, escreve uma síntese sobre o assunto. Faz do mote do trabalho a ênfase dada ao caráter “militarista” da Coluna, apontando seu fracasso político. Além de apresentar um quadro de total aversão das comunidades em relação à Coluna, o que parece, certo exagero. Coloca em um patamar “patético” o livro de Lourenço Moreira Lima, pelos seus autoelogios sem comum.

Entende-se, neste caso, que o professor Drummond tenha sido simplista em sua avaliação do processo, uma vez que é óbvio que a Coluna não logrou vitória política como é mecanicamente compreendida em seu texto. Ela apontou para o amadurecimento dos processos posteriores, além de ter forjado lideranças importantes na marcha, e que acabaram por expor um Brasil que as classes médias urbanas não conheciam. Além disso, classificar uma obra literária de tamanha grandeza como a escrita por Lourenço Moreira Lima, como “patética” é um desrespeito para com a construção de uma análise sóbria sobre o livro, que o identifique dentro da categoria que o mesmo representa, mas que não o desqualifique enquanto produto literário de tamanha riqueza tal qual significa.

Por último, o trabalho de Anita Leocádia Prestes apresenta uma importante contribuição referente ao tema. Trata-se de sua tese de doutorado, contando com a privilegiada presença em sua defesa, de seu pai e o maior vulto dessa empreitada, Luiz Carlos Prestes. Um trabalho extenso, pesquisa séria e exploração do método de história oral, tendo como principal colaborador o próprio líder que empresta o nome a Coluna. Trata-se, também, de um trabalho relativamente recente (29 de novembro de 1989) sobre o tema, que deverá demorar algum tempo para ser ultrapassado por outra pesquisa, tendo em vista o grau de representatividade que apresenta no que se refere a uma caracterização “completa” do processo.

Estas foram às obras que selecionamos e utilizamos, dentre as principais que se referem ao tema, bem como as que emprestam a este pequeno artigo seu vigor teórico e metodológico, além de também permitir uma abordagem mais segura, uma vez que apresentamos aqui uma discussão historiográfica que apresenta caminhos diversos para aqueles que se interessam pelo tema, para assim, buscarem as suas respostas e proporem

as muitas interrogações que certamente se impõem a construção do conhecimento histórico acerca do tema.

A Coluna Prestes e sua marcha

A Coluna Prestes se constituiu como uma parte importante, com certeza a maior expressão, do descontentamento e aversão em relação ao organismo político vigente da Republica Velha. Neste sentido, sua formação se liga ao movimento tenentista e suas séries de levantes organizados após 1922, e que têm no episódio dos dezoito do Forte de Copacabana, o seu estopim, mas não a sua raiz. A raiz de todo este descontentamento, para além de um documento apócrifo que entra em cena, se insere na conjuntura de assenso das camadas médias urbanas, que passam a se expressar através da atuação da baixa oficialidade que coloca em questão o enfrentamento com o regime oligárquico.

É por esta definição, que concluímos como equivocada, a análise do já citado autor José Augusto Drummond. Para tal autor tratava-se de apenas rebeldes errantes, que não conduziram nenhuma mudança no cenário nacional. Além disso, insiste no caráter essencialmente militar da Coluna, não conseguindo ultrapassar tal barreira (DRUMMOND, 1991). Novamente recorremos a Caio Prado, no tocante a uma síntese mais apurada do movimento tenentista, e, por conseguinte da Coluna Prestes:

Apesar do conteúdo militar aparentemente de todos ou quase todos estes movimentos, nada existe neles contudo que os caracterize como “militaristas”, no sentido próprio do termo. Embora sejam militares seus princípios autores e participantes, eles não agem e não pensam como militares. Expressam antes a inquietação das classes médias a que pertencem pela sua origem; de uma burguesia progressista cujos anseios de renovação encarnam, e que as forças conservadoras da Republica Velha comprimem num arcabouço anacrônico e rígido, que já resvalará francamente para a mais completa degradação política do Brasil, é que suas armas lhes davam a possibilidade de agir; e não estava ainda em condições de substituí-los a ação das massas populares, desorganizadas e politicamente inativas. Os “tenentes” assumirão por isso a liderança da revolução brasileira. (JUNIOR, 1979 Apud LIMA, 1979, p. 14).

Desde o levante em São Paulo em 5 de Julho de 1924, que segurara por alguns dias o controle daquela região, os quartéis conspiravam. Em 28 de outubro de 1924 na região missioneira do Rio Grande do Sul se levantou, com objetivo de abrir outro foco de luta, em consideração aos revoltosos paulistas mais um levante. Este liderado por Prestes, até então não reconhecido como grande comandante. Com o desenrolar da luta e a necessária “guerra de movimento”, Prestes liderou os revolucionários até o oeste paranaense, objetivando encontrar os remanescentes das lutas do sudeste. Foi em Foz do Iguaçu que as forças rebeldes gaúchas e paulistas se encontram e que se passou a dar voz ao maior ícone desta empreitada.

Como parte integrante do Estado-Maior dos rebeldes, Prestes argumentou a necessidade de continuidade da luta. A maioria, no entanto defendeu a emigração para a Argentina. Felizmente Prestes ganhou o debate e conseguiu com quase um pé fora do país, motivar os rebeldes a marchar para o interior inóspito do território brasileiro, levando com sigo toda a inconformidade e crença na derrubada de Artur Bernardes, o grande objetivo inicial da Coluna.

Relacionamento da Coluna Prestes com as populações rurais e urbanas

O desencadear do movimento não preconizava, em seu início uma marcha pelo interior do Brasil. Tal só ocorreu, devido a circunstâncias históricas específicas, e em consequência das ações dos levantes. Assim, nenhum dos membros da Coluna poderia prever a interiorização da marcha para o campo e para a mata. Todavia, tendo de enfrentar tal fato, os revolucionários passaram a se organizar para, a partir dos contatos com as populações rurais passarem a estabelecer simpatia e adesões de novos combatentes. O próprio fato de estarem visualizando o extremo abandono em que viviam estas populações os fazia sensibilizar com as mesmas.

Não foram poucos os relatos em que chegando à cidade, os revolucionários iam aos cartórios e queimavam os processos que os coronéis moviam contra os pequenos agricultores. Soltavam presos, encaminhavam alguns medicamentos aos mais necessitados. (LIMA, 1979). Porém, é preciso indicar que a própria propaganda governista passava a afastar os povoados. Fazia-se um “filme dos horrores” da Coluna. É bem verdade que havia certos “erros” de comportamento, mas os mesmos eram repreendidos com firmeza. O fato é que não se tratava de grupo armado saqueador, dos quais eram contemporâneos inclusive. Aliás, o governo de Bernardes chegou a contratar o grupo de Lampião para fazer frente à Coluna naquela região (SODRÉ, 1978).

No que tange ao plano urbano, a Coluna estabeleceu contatos, sobretudo, com os “tenentes” que conspiravam e se levantavam em diversas regiões. É significativo o caso de Pernambuco, quando a Coluna ainda se encontrava no Piauí, no início de 1926. Foi combinado que a Coluna marcharia o mais próximo possível a fim de atacar os legalistas em conjunto. Porém, como se sabe, pouco antes da data acertada, a Coluna se deparou com a notícia de que o levante havia sido sufocado (SODRÉ, 1978).

É preciso reconhecer, que não havia na Coluna um projeto de agitação para que o povo aderisse. Estavam todos ainda imaturos em termos de organização de uma política pragmática. No entanto, no momento em que agora escrevo, com honestidade, falta uma leitura mais atenta do livro de Anita Leocádia Prestes em que dedica uma boa intervenção sobre o assunto.

Considerações Finais

A escolha deste tema e a construção deste pequeno texto sobre assunto tão amplo e complexo, tem sua maior intencionalidade em colocar na “ordem do dia”, um assunto que em minha opinião, tem sido sonogado na academia. Como foi exposto logo no início, acredito que um tema que tem por característica ter sido o de maior importância do movimento tenentista, que, por conseguinte, foi de suma importância para a formatação de uma nova ordem oligárquica no Brasil e para o avanço do espaço político-social que alcançaram a classes médias urbanas, tal tema deveria ao menos, ter um espaço maior, seja na formatação de um seminário específico, seja no encaminhamento de outro tipo de atividade.

O personagem maior de todo este processo desencadeado pela Coluna é, inegavelmente o de Luiz Carlos Prestes, sua atuação irretocável do ponto de vista militar, sua capacidade de liderança e motivação frente às adversidades com as quais inúmeras vezes os combatentes se depararam, e a sua auto-reflexão de tudo que viu pelos muitos “brasis” que se deparou, ajudaram a preparar um sujeito histórico que estaria pronto para intervir, de forma mais orgânica politicamente, nos destinos do nosso país. Depois da internação na Bolívia e durante o exílio na Argentina, Prestes passou a ter contato com a literatura marxista, se dando conta de que a luta que travara anos antes, tinha inestimável valor, mas era preciso avançar e sair da ingenuidade pequeno-burguesa a qual se encontrava preso. Formava-se, assim, um dos maiores líderes de nossa esquerda, que com “erros” e “acertos”, passou dignamente por nossos tempos.

Em suma, a Coluna Prestes teve um papel de grande importância para a conjuntura da República Velha, atendendo a interesses precisos dos que dela se valeram posteriormente, e que reivindicando e angariando a partir da luta daqueles estimados homens, o apoio e a obtenção de prestígio, como bem se pôde perceber durante a Aliança Liberal e a dita Revolução de 1930.

Mas o que vale hoje para nós esta epopeia? Afirmando que vale muito, pois podemos dela tirar a “poesia” da necessária luta cotidiana e da construção das muitas transformações que insistem em vacilar nas mãos de *alguns* que hoje estão no poder. Uma elite política progressista é verdade, mas que não perde a arrogância de lembrar as justas lutas que travaram em período recente, para justificar a sua hoje inércia diante da exploração cada vez maior do povo. Mas, infelizmente, encontram seus justificadores em todas as instâncias, inclusive nas universidades, estes não conseguem se desfazer de um certo saudosismo do passado de importantes lutas, e por vezes, acabam por se equivocar demasiadamente em caracterizar nossa política atual.

Referências

- DRUMMOND, José Augusto. A Coluna Prestes: rebeldes errantes. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LIMA, Lourenço Moreira. A Coluna Prestes: Marchas e Combates. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- PRESTES, Anita L. A Coluna Prestes. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A Coluna Prestes: Análise e Depoimento. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.